

MARIA CLARA MACHADO



O CAVALINHO AZUL
e outras peças

**MARIA
CLARA
MACHADO**

O CAVALINHO AZUL
e outras peças

3ª edição

 **Edipass**

Copyright © MCM — MARIA CLARA MACHADO
PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDIOURO PUBLICAÇÕES DE PASSATEMPOS E MULTIMÍDIA LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDIOURO PUBLICAÇÕES DE PASSATEMPOS E MULTIMÍDIA LTDA.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Texto revisto pelo novo Acordo Ortográfico

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M129c Machado, Maria Clara, 1921-2001

O cavalinho azul e outras peças / Maria Clara
Machado. - 3. ed. - Rio de Janeiro : Edipass, 2018.
304 p.

ISBN 978.85.000.3196-0

1. Teatro infanto-juvenil brasileiro. I. Título.

CDD: 028.5
CDU: 087.5

SUMÁRIO

O cavaleiro azul.....	5
A volta do Camaleão Alface.....	71
O embarque de Noé.....	124
Camaleão na Lua.....	196
A Bela Adormecida.....	259

O CAVALINHO AZUL*

Um ato e nove cenas

* *O cavalinho azul* foi levado, pela primeira vez, pelo Tablado, no Rio de Janeiro, em maio de 1960, com cenário de Anna Letycia; música de Reginaldo de Carvalho; figurinos de Kalma Murtinho; bichos de Marie Louise e Dirceu Nery; luz de Fernando Pamplona; assistente de direção, Heloisa Guimarães; piano de Martha Rosman; baixo de Livolsi Bartolomeo; flauta de Carlos Guimarães; maquiagem de Fred Amaral; execução de cenário, Wagner dos Santos; eletricitistas, Anthero de Oli-

veira e Diaci de Alencar. Elenco: Cesar Tozzi, Claire Isabella, José de Freitas, Anna Maria Magnus, Carlos Augusto Nem, Delson de Almeida, Anthero de Oliveira, Yan Michaslki, Luiz de Affonseca, Ivan Junqueira, Celina Whately, Diaci de Alencar, Nívio Pereira, Geisa Virgílio, Lejzor Bronz, Afonso Veiga, Reynaldo Pereira, Virginia Valli e Paulo Mathias da Costa. Direção geral: Maria Clara Machado.

PERSONAGENS

JOÃO DE DEUS
VICENTE, o menino
O PAI
A MÃE
O PANGARÉ
O PALHAÇO
O MÚSICO GORDO
O MÚSICO ALTO
O MÚSICO BAIXO
A MENINA
O 1º HOMEM
O 2º HOMEM
O 3º HOMEM
A LAVADEIRA
O VENDEDOR
OS TRÊS SOLDADOS
VELHA QUE VIU
O COWBOY
OS TRÊS ELEFANTES
OS QUATRO CAVALOS*

* Os atores dos três elefantes podem ser os mesmos dos três soldados.
Os quatro cavalos podem ser os soldados, o 1º e o 2º homem. (N.A.)

CENÁRIO

O palco vazio com fundo azulado. Os elementos das várias cenas vão sendo colocados à medida que a ação se desenrola.

1ª cena: Sugestão de uma casa

2ª cena: O mesmo

3ª cena: Cena vazia

4ª cena: Sugestão de arquibancada de circo. Três cadeiras

5ª cena: O mesmo

6ª cena: Cena vazia

7ª cena: Sugestão de uma cidade: um coreto

8ª cena: O curral do Cowboy

9ª cena: Cena vazia

1ª CENA

Ao abrir-se o pano, vê-se apenas o palco vazio. Enquanto se ouve a música nº 1A, 1B, um velho de longas barbas, maltrapilho e vagabundo, simpático e bonachão, se dirige em direção à plateia segurando um tamborete.

VELHO — Eu me chamo João de Deus. Sou vagabundo. Estou aqui para contar a história do menino Vicente e de seu cavalo. Um dia perdi a tesoura de cortar barba e tive que deixar crescer esta barba. No princípio não gostava; sujava muito quando eu comia, mas agora gosto; quando faz frio cubro-me assim, (*mostra*) e minha barba serve de cobertor. Também aprendi a comer com minha barba: faço assim. (*Mostra.*) Gosto dela também por causa do Vicente, que me achou parecido com o Padre Eterno. Isto quer dizer que minha barba se parece com a barba de Deus. Por isso cuido dela. Barba de Deus é coisa séria. Vou contar como é que esta história começou. Aqui (*pela esquerda entram o pai e a mãe carregando a casa*) morava Vicente, com seu pai e sua mãe, nesta casinha.

(*O pai e a mãe colocam a casa e o banquinho e desaparecem.*)

VELHO — E ali vem ele — nem me viu ainda — com seu cavalo. Vou deixar

esta história contar-se por si mesma, enquanto vou ajudando aqui, ao lado.

(O velho senta-se no tamborete, fora da cena, perto da cortina, na semiobscuridade, enquanto a luz cresce dentro do palco, onde se vê um menino pobre puxando uma enorme corda que prende ao pescoço de um feio pangaré, sujo, magro, com cara infeliz. O menino, em êxtase, procura convencer o cavalo — dois atores em pé, um fazendo a cabeça com uma máscara e o outro fazendo de traseiro.)

VICENTE — Se você der mais uma voltinha, só mais uma voltinha, meu cavalinho, eu prometo levar você lá numa campina toda verdinha de tanto capim verde. Vamos, vamos, meu cavalinho azul!

(O cavalo se levanta com grande esforço e começa a trotar em volta do menino.)

VICENTE — Vamos, meu cavalinho azul! Upa! Upa! Upa!

(O cavalo, cansado, começa a se arrastar.)

VICENTE *(zangado)* — Assim você não poderá trabalhar no circo! Não pode. Veja como eu faço. Como aquele

grande cavalo branco lá do circo da cidade. Buuuuuuuu, assim, levantando as patas e depois me levando na garupa como a bailarina Lili, toda verde de tão bonita; e o domador Rogério, de boné dourado e calças vermelhas... Upa! Upa! Upa! Vamos, vamos!

(*O cavalo está exausto.*)

VICENTE — Bem, por hoje, chega. Amanhã treinaremos mais. Você está cada vez melhor e mais bonito.

MÃE (*de dentro*) — Vicente!

VICENTE — O que é, mamãe?

MÃE (*saindo com uma trouxa de roupas para lavar*) — Venha estudar, menino. Está quase na hora da escola.

VICENTE — Já vou, mamãe. Deixe eu conversar mais um pouquinho só com meu cavalinho azul.

MÃE — Que cavalinho azul, que nada! Um pangaré velho que não pres-

ta mais nem para puxar a carroça de teu pai. *(saindo com a trouxa)*
Cavalinho azul!... Azul!

VICENTE *(baixo, para o cavalo)* — Não liga não, meu cavalinho. *(para a plateia)*
Mamãe chama meu cavalinho de sujo e velho porque ela pensa que ele é sujo e velho, porque mamãe é gente grande e gente grande tem que lavar roupa, fica cansada e maltrata o cavalinho, sem querer. Como é que ela pode saber a cor do meu cavalo se nem vê ele direito de tanto cozinhar, arrumar e lavar roupa? Também, ele anda um pouco sujo hoje, mas é porque a água do nosso rio está quase seca, não lava mais direito, *(para o cavalo)* mas amanhã vou também te levar num rio muito grande, muito branco de tão limpo, que passa perto da campina verde. Lá você tomará um banho e vamos para o circo. Quem não estiver muito limpo e lindo também não pode entrar no circo, está ouvindo?

PAI *(chegando com o balde)* — Vicente, olha a ração do Mimoso. E chega

de fazê-lo rodar. Ele está muito magro, precisa descansar.

VICENTE — Vou levar ele, papai, para a grande campina verde e vou dar um banho nele no rio de água branca.

PAI (*bem-humorado*) — Onde é que existe esta campina, menino? Tudo está seco, isto sim. Seco e esturricado. Onde é que tem um rio grande e branco?

VICENTE — Aquele lá longe.

PAI — Longe, onde?

VICENTE — Ora, papai, lá longe, do outro lado daquele morro mais longe.

PAI — Lá longe é a cidade.

VICENTE — Onde está o circo, não é?

PAI — É. Vá estudar, menino.

VICENTE — Vou buscar meu livro e venho estudar aqui, tá bem? (*Entra por trás da casa.*)

PAI (*depois de misturar a comida do cavalo*) — Toma, pangaré, come isto para não morrer de fome.

(*O pangaré enfia a cara no balde. O pai sai e volta o menino.*)

VICENTE — Você sabe o que é uma ilha? É uma quantidade de terra cercada de água por todos os lados... Um istmo... (*diz baixinho, como procurando decorar*) um istmo... é... Saiba, cavalinho, nós vamos lá... nós vamos na ilha cercada de água por todos os lados, cercada de istmos... de cabos, de tudo. Depois vamos ao promontório. Depois, eu monto em você e saímos correndo atrás das capitâneas hereditárias... Vai ser ótimo!

MÃE (*de dentro*) — Vicente, venha estudar cá dentro. Sozinho, longe deste cavalo.

VICENTE — Estou indo. (*Entra gritando.*) Vamos para as capitâneas hereditárias! Eu e meu cavalinho azul...

PAI *(chegando e ouvindo as últimas palavras do filho)* — Mulher! venha cá.

(A mãe chega.)

PAI — Mulher, temos que vender o pangaré.

(O cavalo levanta a cara do balde, assustado.)

MÃE *(preocupada)* — Vender? Por quê?

PAI — Este pangaré não serve mais para nada. Já vendi a carroça. Este cavalo só serve para comer mais dinheiro. Se for vendido, posso apurar uns cobs e com eles comprar umas galinhas e começar uma criação.

MÃE — E o menino?

PAI — O menino esquece. Arranja outro brinquedo.

MÃE — Esquece não. Ele só pensa nisto.

PAI — Está ficando doido; melhor é levar o cavalo logo. *(Põe o chapéu, pega o cavalo pela corda.)* Vou à cidade ven-

dê-lo. Pro menino trago um brinquedo. Adeus, mulher. (*Sai.*)

MÃE — Por que você não vende a vaquinha?

PAI (*parando e voltando-se*) — A vaquinha dá leite.

MÃE — Mas o cavalo dá alegria ao menino.

PAI — Mas não dá dinheiro. O menino se acostuma. (*O pai sai puxando o pangaré. No proscênio, ele se encontra com o velho João de Deus e para.*)

VELHO — Bom dia.

PAI — Quem é o senhor?

VELHO — Sou João de Deus.

PAI — O que é que está fazendo aqui?

VELHO — Estou vendo tudo.

PAI — Para quê?

VELHO — Para contar aos outros, (*para a plateia*) eles.

PAI (*depois de olhar para a plateia*) — Vai contar na certa que sou um pai muito ruim porque vou vender o pangaré!...

VELHO — O senhor tem que vender mesmo?

PAI — Depois quem vai arranjar dinheiro para o menino comer? É muito fácil ter pena do pangaré, mas de mim ninguém tem. Adeus. (*Sai muito zangado.*)

VELHO — O pai ficou muito zangado e partiu para a feira, onde vendeu o cavalo. Pensamos que o menino ia ficar muito triste. Alguns dias se passaram, e vejam o nosso Vicente sentadinho na porta, com sua bola, presente do pai.

(*Escurece no velho e clareia na cena.*)

2ª CENA

Vicente, sentado na soleira da porta, de vez em quando dá uma espiadela para fora. Ouve-se a música nº 3A.

VICENTE — Mamãe!

MÃE (*aparecendo*) — Que é, menino?

VICENTE — Que horas que ele volta?

MÃE — Quem?

VICENTE — O meu cavalinho azul.

MÃE — Acho que ele volta... amanhã. Venha para dentro, Vicente. Nem almoçou direito. Assim, sem comer, você não pode ficar.

VICENTE — Estou esperando.

MÃE (*com muito jeito*) — Acho, meu filhinho, que seu cavalo não volta mais. Seu pai trouxe esta bola para

— você brincar com ela. Você não acha bonita esta bola?

VICENTE — Acho. Por isso que eu quero mostrar ela ao meu cavalo.

MÃE (*exasperada*) — Seu cavalo foi vendido.

VICENTE — Eu sei, mamãe, não precisa gritar. Papai me disse. Mas depois ele volta.

MÃE — Mas agora ele tem outro dono.

VICENTE (*rindo*) — Outro dono. Ha! ha! ha! Como é possível isto, mamãe? Dono a gente só tem um. Ele volta.

MÃE — Volta não.

VICENTE — Volta sim. Volta porque estou esperando ele para irmos ao circo.

MÃE (*entrando na casa*) — Ah, menino. Assim não é possível.

(*música n° 3B*)

VICENTE (*sozinho*) — Estou achando é que meu cavalinho perdeu o caminho. (*suspirando forte*) Ele é tão distraído! Preciso ir atrás dele. Mamãe disse que este mundo está cheio de perigos. Não posso mais deixar meu amigo perdido por aí. Talvez ele tenha ido para as Antilhas Holandesas ou então para a ilha de Brocoió cercada de água por todos os lados, ou algum istmo ou cabo... sei lá, todos estes perigos... e se ele foi para a serra da Mantiqueira? Coitadinho! Adeus, meu pai, adeus, minha mãe, me esperem que eu volto com ele. Adeus. (*O menino sai pelo proscênio em direção oposta ao lugar onde está o velho e a música continua até o encontro com o velho.*)

3ª CENA

O velho entra na cena e tira a casa. Vicente torna a aparecer na cena nua, enquanto o velho o aguarda.

VELHO — Sozinho, menino, neste caminho?

VICENTE — Quem é o senhor?

VELHO (*meio surdo*) — O quê?

VICENTE — Quem é o senhor?

VELHO — João de Deus.

VICENTE (*espantadíssimo*) — O senhor é... o Deus?

VELHO (*depois de uma pausa, gozador, tornando a confusão*) — Sou.

VICENTE — Do catecismo?

VELHO — Hi! hi! hi... sou.

VICENTE — Bem que eu estou vendo tanta barba. (*pausa*) Deus no duro? Padre Eterno?

VELHO — No duro.

VICENTE — Aquele que está em toda a parte?

VELHO — Aquele mesmo.

VICENTE — Então, Senhor Deus, quer fazer o favor de olhar onde está o meu cavaliño azul?

VELHO — O quê?

VICENTE — Pois o senhor não vê tudo?

VELHO — Vejo. Claro que sim...

VICENTE — Cabos, ilhas, istmos, serra da Mantiqueira e tudo? E ideia na cabeça e tudo?

VELHO — E tudo.

VICENTE — Então cadê ele?

VELHO — Ele?

- VICENTE — O cavalo. Não viu? O meu?
- VELHO — Não vi.
- VICENTE — Mas você não vê tudo?
- VELHO — Ah! vi sim. Muito lindo seu cavalo.
- VICENTE — Azul!
- VELHO — Com cauda azul, muito grande...
- VICENTE — Não, a cauda é branca, ó, Deus, você esqueceu?
- VELHO — Esqueci não. Fico cansado de ver tudo ao mesmo tempo...
- VICENTE — Deve cansar mesmo ver tudo ao mesmo tempo. Não tem dor de cabeça? Eu não. Não sou como o senhor. Coitado! Só vejo poucas coisas e meu cavalinho.
- VELHO — Então vamos achá-lo.
- VICENTE — O senhor vem comigo?

- VELHO — Não posso, menino. Se vou procurar seu cavalo, quem é que vai vigiar o mundo?
- VICENTE — O senhor não pode deixar algum santo fazer isso por uns dias?
- VELHO — Não posso.
- VICENTE — Então, adeus.
- VELHO — Espera, menino. Onde é que você vai?
- VICENTE — Vou indo por aí ver se acho ele.
- VELHO — Quando você precisar de mim, é só chamar que estou ali sentado naquele banquinho.
- VICENTE — É dali que o senhor vigia o mundo?
- VELHO — É.
- VICENTE — Ahn! Então, adeus! (*Desaparece do lado oposto.*)